



Para Armacost os acordos curtos traumatizam o mercado financeiro

Credor faz críticas a acordos do Brasil

O presidente do Bank of America, Samuel Armacost, o segundo maior credor da dívida externa brasileira, criticou ontem ainda que de forma sutil, os métodos de negociação adotados até agora, ao defender alternativas de médio e longo prazo e não soluções ano a ano que, no seu entender, "traumatizam" o mercado financeiro internacional.

Samuel Armacost teve uma audiência de meia hora com o presidente João Figueiredo, no Palácio do Planalto, após ter almoçado com os ministros Delfim Netto, do Planejamento, e Ernane Galvêas, da Fazenda, e com o presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore.

Ele disse que nos contatos que tem mantido com as autoridades brasileiras tem defendido a posição de que alternativas futuras para o problema do endividamento externo do país tem que levar em conta a viabilização e a sustentação do financiamento do

comércio exterior da nação e assegurar investimentos internos para não reter o processo de crescimento. Para que isto aconteça, ele acha que terá que haver a conjugação de esforços do segmento privado e de organismos multilaterais.

Para Samuel Armacost, o pagamento da dívida externa brasileira vai requerer negociações de governo a governo e, neste ponto, a sucessão presidencial preocupa os banqueiros internacionais. Mas acrescenta que a negociação governo a governo não é a única forma de viabilização da administração do serviço da dívida, que depende também da conjugação de esforços da comunidade financeira internacional e de instituições como o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial, o que significa que essas negociações continuarão a ter o seu componente técnico e não eminentemente político.